



REVISTA PUBLICADA QUINZENALMENTE

Proprietario, director e editor

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI

Redacção e administração

Praça dos Restauradores, 43 a 49

Composto e impresso na Typ. do Anuario Commercial

Praça dos Restauradores, 27

SUMMARIO: O Museu Instrumental e as minhas relações com o Estado — Francisco de Lacerda em Marselha — Carta do Porto — Uma raridade bibliographica — Concertos — Noticiario — Necrologia — Prevenção

## O MUSEU INSTRUMENTAL

E

### as minhas relações com o Estado <sup>(1)</sup>

Ha paizes, aliás pobres e pequenos, que têm innato o gosto pelo objecto d'arte, o respeito pelo que é bello; outros ha, como este infeliz rincão portuguez, rico de vinho e de sol, mas em que os assumptos d'arte têm invariavelmente uma importancia em absoluto secundaria. Encaram-nos com o sorrisinho deprimente de quem olha d'alto para cousas demasiado frivolas, sem cotação no mercado nacional, sem valor, sem interesse algum.

O nosso desleixo, desprezo e ignorancia no campo da arte já tem foros de tradição. A indiferença com que nos deixamos espoliar das riquezas, que deviam ser o quinhão mais sagrado do nosso patrimonio, a facilidade com que deixamos ir para a mão d'estrangeiros tudo quanto a arte e o engenho dos nossos artifices tem produzido e tudo o que, á custa de mil sacrificios, se tem reunido em collecções aliás notaveis, constituem actos correntes da incuria nacional, de verdadeira ignorancia que ninguém pode razoavelmente contestar. Este desrespeito, esta indiferença, este desdem

já vêm de longe, como tara característica que recrudescê a cada geração nova.

Eu não devia ignorá-lo, porque não sou novo. E no entanto passou-me pela cabeça a idéa *fantastica* de concorrer, quanto em mim coubesse, para a criação de um Museu Instrumental.

Fantastico me não pareceu o projecto n'essa occasião. Em primeiro lugar, porque não ha hoje um paiz, medianamente culto, que não tenha a sua collecção mais ou menos completa de instrumentos e accessorios musicos, como elemento essencial para a educação do artista, como lição viva para todos os que se interessam pela historia dos órgãos sonoros, que é por assim dizer a historia da musica. Depois, a occasião não podia ser mais azada para a realisação d'esse sonho d'arte, se sonho era. Os ultimos conventos iam fechar-se: os palacios reaes já estavam desertos. Bastava que nos lembrassemos de 1834, para recermos, não sem um legitimo arrepio, que agora se repetissem casos então succedidos; que muitas das preciosidades ali guardadas por tanto tempo se vendessem ao desbarato, como se venderam já muitas, ou se extraviassem sem remissão, como n'essa época, fatidica para a arte portugueza, tantas se extraviamam.

Não era preciso um grande arranco de patriotismo em quem quer que n'um determinado departamento d'arte se houvesse especializado, para, sem a menor hesitação, pôr á prova o melhor do seu esforço e da sua dedicação pela causa commum.

Outra circumstancia contudo havia que

(1) Este relato foi por mim lido a um grupo de amigos que se dignaram, ha dias, visitar o nucleo instrumental que reuni nas salas do Palacio das Necessidades.

me impulsionava. Ninguém ignora a fragilidade de um instrumento musico, a sua extrema sensibilidade aos maus tratos, às incurias e até aos caprichos do thermometro e do hygrometro. Cada dia que passasse era mais uma ameaça de ruína para tantas peças d'arte que eu sabia estarem espalhadas pelo paiz em mãos mercenarias, indifferentes ou inhabeis, por lhes faltarem os cuidados de que até agora os haviam rodeado.

Reunir essas riquezas esparsas, valorisalas por esse mesmo facto de as reunir e rodea-las dos mil carinhos que, não a sciencia, mas o interesse que me habituei a ligar às cousas d'arte, me saberia ditar — pareceu-me uma aspiração de elevado alcance artistico e um preito de merecida devoção á terra onde nasci.

Não hesitei pois e tive o applauso de alguns amigos dedicados, a quem os assumptos d'arte se impõem com elevada significação e com importancia social inegavel. Entre outros, José Relvas, espirito finissimo d'artista, que a politica não conseguiu desviar do mundo da arte, teve palavras extremamente animadoras, que seria ingratição esquecer. «...é uma das suas muitas, boas e generosas aspirações, dizia-me elle. Hei-de chamar a attenção do ministro do Interior para a importancia d'este problema e pedir-lhe que se interesse junto do das Finanças e mais tarde com a Camara para que a sua bem interessante iniciativa tenha seguimento.»

Teve-o de facto n'aquella occasião, graças a elle e a alguns amigos mais, não tardando o ministro de então em promulgar a portaria que textualmente reproduzo :

«Attendendo a que é de toda a conveniencia reunir em local apropriado os diversos instrumentos de musica e seus accessorios, que se encontram dispersos em varios edificios de conventos, paços, museus, etc.; Manda o Governo da Republica que seja encarregado Michelangelo Lambertini de proceder á indicada coleccção, dando opportunamente conta da incumbencia que ora lhe é cometida e que será desempenhada sem onus de qualquer especie para o Estado. Paços do Governo da Republica, em 21 de Dezembro de 1911. — O Ministro do Interior, *Silvestre Falcão*.»

Como se vê n'esse diploma, as intenções não eram extremamente ambiciosas. Arrecadar, salvar da destruição apenas. Nada de dispendios... E quando as hoje depauperadas forças do thesouro o consentissem,

esperava eu que se creasse o ambicionado Museu.

Esse é ou seria o espirito do documento que deixo transcripto, esse havia sido sempre o thema inabalavel do meu projecto.

Cumpre-me tambem dizer que, nas espheras officiaes, foi o dr. Silvestre Falcão um dos poucos que quizeram entender e entenderam o que se pretendia fazer, um dos pouquissimos que nunca hesitaram em prestar mão forte ao emprehendimento, sabendo quanto altruismo e proveito artistico nelle havia. Infelizmente, porém, o dr. Silvestre Falcão deixava o governo poucos mezes depois e o projecto perdia, por tal facto, um dos seus melhores patronos.

O que tem sido estes 16 mezes de luctas extenuantes, de trabalhos de toda a natureza, de solicitações ouvidas com desdem ou com indifferença, de requerimentos sem despacho, de officios sem resposta, de inuteis e longas permanencias nas antecamaras dos ministerios á espera dos ministros que por fim «já haviam sahido por outra porta», — as horas perdidas em prejuizo de interesses proprios, as cancelas de todo o genero que esses 16 mezes representam — não as vou eu agora descrever. Tudo isso faz objecto de um Diario pormenorizado que conservo, e de um Copiador especial de cartas e officios que, na sua aridez documental, podem ainda servir de aviso a ingenuos e de proveitoso ensinamento futuro para mim.

O que importa é saber se, apesar de todos os obices apontados, se conseguiu produzir alguma cousa de util durante esses 16 mezes.

Vae responder por mim a lista que mais adeante transcrevo dos objectos recolhidos. Antes de a formular porém, tenho a peito consignar o desinteressado auxilio que, para a obtenção de muitos d'esses objectos, e alguns valiosos, me foi dado encontrar no Conselho d'Arte e Archeologia (1.ª circumscripção), da presidencia do notavel architecto e professor, sr. José Luiz Monteiro, e na nunca desmentida boa vontade do dr. José de Figueiredo, illustre director do Museu de Arte Antiga, a cujo espirito de rara delicadeza não podia passar despercebida a importancia pedagogica e historica que esta nova colleccção d'arte era susceptivel de revestir.

Com menos efficacia pratica, mas com igual fervôr, se solidarisaram com os meus ideaes os srs. dr. Alfredo Bensaude, Rosendo Carvalheira, dr. Carvalho Monteiro, dr. Alfredo da Cunha, D. José Pessanha, dr. Antonio dos Santos Lucas, Antonio Arroyo, dr. Virgilio Machado, Luciano Freire, Cu-

nha e Silva, e mais alguns artistas e amadores d'arte.

Foram esses incentivos, tantos moraes como materiaes, ainda que estes ultimos bem escassos, que me determinaram a não desanimar.

Obtidas não sem custo umas exiguas salas no palacio das Necessidades, ahí fui arrumando, classificando, catalogando e *tratando*, na minha pouco apeteçivel qualidade de conservador gratuito, os objectos mais ou menos interessantes que consegui salvar ainda dos azares da hasta publica, da poeira e lixo dos sotãos e dos... dentes dos ratos.

São as seguintes as peças cuja guarda me foi confiada e que (excepto os n.ºs 1 a 25 e 35 a 58) se encontram, em *deposito visitavel*, no palacio das Necessidades, dispostas muitas d'ellas em vitrines e devidamente numeradas pela sua ordem d'entrada:

- 1 a 25** — Objectos diversos, de que passei recibo, mas que apezar de repetidas instancias nunca me foram entregues. (*Palacio de Mafra.*)
- 26** — BATUTA do seculo XVIII. Comprimento 1,<sup>m</sup>14. Com ella eram diridas as imponentes festividades religiosas de Mafra, no tempo de D. João V. (*Id.*)
- 27** — BANDOLIM de fantasia, figurando um navio com cordeame, bandeira e outros accessorios nauticos. (*Id.*)
- 28** — CISTRO ou guitarra portugueza. Curioso especimen dos marchetes da ilha da Madeira. (*Id.*)
- 29** — VIOLA marchetada no mesmo genero do numero anterior. (*Id.*)
- 30 e 31** — RAJÕES de fantasia. (*Id.*)
- 32** — RAJÃO com caixa harmonica em fórma de coração. (*Id.*)
- 33** — RAJÃO em fórma de peixe. Um instrumento semelhante, que existe no Kensington Museum, mereceu as honras da photographia no catalogo de C. Engel. (*Id.*)
- 34** — CAVAQUINHO madeirense. (*Id.*)  
RETRATO do auctor dos 8 instrumentos anteriores. Tem entre outras a reproducção do *bandolim-navio*, tal como era na sua origem. (*Id.*)
- 35 a 58** — Mesma observação que para os numeros 1 a 25. (*Id.*)
- 59** — VIOLONCELLO e competente estojo. Pertenceu ao violoncellista e maestro Guilherme Cossoul. (*Conservatorio.*)
- 60** — FLAUTA com dupla caixa. Pertenceu ao concertista e professor Antonio Croner. (*Id.*)
- 61** — CORNETA DE CHAVES de Raphael Rebello. Pouco vulgar. (*Id.*)
- 62** — VIOLINO de Carl Grimm (1864). Pertenceu ao concertista e compositor Francisco de Sá Noronha. (*Id.*)
- 63** — TROMBONE de varas de Raphael Rebello. Pouco vulgar. (*Id.*)
- 64** — ESTANTE com madeiras embutidas. (*Id.*)
- 65** — BARITONO de Gautrot, com 4 pistons. (*Id.*)
- 66** — PIANO de cauda de Broadwood & Sons. Pessimo estado. (*Id.*)
- 67** — PIANO vertical de Bechstein. (*Palacio da Pena.*)
- 68** — PIANO vertical de Erard, em mau estado. (*Palacio de Cintra.*)
- 69** — BANCO DE PIANO em forma de concha. (*Id.*)
- 70** — PIANO de cauda de Ignacio Pleyel, em estylo Imperio com bronzes. Peça interessante. (*Id.*)
- 71** — PIANO de cauda de Joseph Kirkmann, com trabalho de talha. Peça de museu como a anterior. (*Id.*)
- 72** — HARMONIUM de Alexandre, com 15 registros. (*Id.*)
- 73** — PIANO de mesa Astor & Norwood, com 6 oitavas. (*Museu Nacional de Arte Antiga.*)
- 74** — CLAVICORDIO conventual. Peça rara mas em muito mau estado. (*Id.*)
- 75** — CRAVO de martellos, com 4 oitavas. Bello objecto de museu, depois de convenientemente reparado. (*Id.*)
- 76** — PIANO de mesa, de 5 oitavas. E' lindamente marchetado e seria apreciado em qualquer museu. (*Id.*)
- 77** — VIOLONCELLO com estojo e arco. Este ultimo é precioso. (*Id.*)
- 78** — DUDELSACK ou cornamusa alleman. Falta-lhe infelizmente o odre. (*Id.*)
- 79** — PIANO de cauda em completa ruina. (*Conservatorio.*)
- 80** — PIANO de cauda do principio do seculo XIX. Construcção curiosa e não vulgar. (*Id.*)
- 81** — FLAGEOLET DUPLO de Bainbridge. Principio do seculo XIX. Existem exemplares identicos nos museus de Londres, Paris e Bruxellas. (*Pertence ao sr. Manoel de Macedo Pereira Coutinho.*)
- 82 a 95** — TROPAS de caça. Quasi todas de fabricaçãõ nacional. (*Museu dos Coches.*)
- 96 e 97** — CAIXAS DE GUERRA, finamente pintadas. (*Id.*)
- 98** — SUPPORTES de madeira para timbales. (*Id.*)

- 99** — CAIXA DE RUFO, com boa pintura. (*Museu de Artilharia*).
- 100 a 106** — CORNETAS DE CHAVES de modelos diversos. (*Id.*)
- 107** — SAXOPHONE soprano. (*Id.*)
- 108 a 110** — CLARINS de cavallaria (*Id.*)
- 111** — CHAPEU CHINEZ ou jogo de campainhas. Exemplar hoje raro. (*Id.*)
- 112** — OPHICLEIDE. (*Id.*)
- 113** — TROMBONE de varas (*Id.*)
- 114** — CORBASSO. (*Id.*)
- 115** — BASSHORN. Muito pouco vulgar. Ha um semelhante no museu de Bruxellas. (*Id.*)
- 116** — TRIANGULO antigo para banda militar. Peça de bastante raridade. (*Id.*)
- 117** — TROMPA de mão (*Id.*)
- 118** — TROMPA de pistons (*Id.*)
- 119** — TROMPA omnitonica. Pouco vulgar. Interessante. (*Id.*)
- 120** — CORNETA lisa d'infantaria (*Id.*)
- 121** — REQUINTA. (*Id.*)
- 122** — INGOMBA, instrumento gentílico. (*Id.*)
- 123** — FLAUTA de cana, dos negros africanos. (*Id.*)
- 124 e 125** — CORNETAS lisas d'infantaria. (*Id.*)
- 126** — ESPINETA do seculo XVI, de Antonius Bononiensis. Pinturas. (*Pertence a Michel'angelo Lambertini; estava a titulo d'emprestimo e vae ser retirada*).
- 127** — ESPINETA com pinturas e o brazão da familia Clementini. Pés ornados de satyros alados. Auctor Johannes Landi, anno de 1572. (*Id.*)
- 128** — CLAVICORDIO de Gaspare Assalone, com a data de 1732. E' pintado como as espinetas. (*Id.*)
- 129** — ORGÃO movel do seculo XVIII. Está desmantelado, mas a caixa é artistica e ornada de pinturas e talha dourada. (*Recolhimento do Salvador*).
- 130** — SONÓMETRO, de casquinha. (*Convento de S. Francisco, em Setubal*).
- 131** — TUBO D'ORGÃO montado sobre suporte e destinado a demonstrações da vibração do ar nos tubos. (*Id.*)
- 132 e 133** — PLACAS VIBRANTES para experiencias de Acustica. (*Id.*)
- 134** — GUEMBRI, instrumento marroquino de 2 cordas. (*Id.*)
- 135** — VIOLONCELLO curioso por estar armado com 3 cordas e supressão de uma cravelha, um furo novo ao centro do estandarte e um cavalete com 3 dentes. Tem estojo e arco não muito antigo mas interessante. (*Convento do Desagravo*).
- 136** — CAMPAINHA de altar. (*Convento do Sacramento*).
- 137 a 146** — CARRILHÃO constante de 10 sinos, que consegui completar com difficuldade, por andarem extraviados 2 dos sinos. (*Convento de Brancanes, em Setubal*).

De todos esses numeros possui um catalogo methodico, com todas as indicações historicas e organographicas, que pude colher a respeito de cada um.

Figura evidentemente na lista um certo numero de peças de discutivel interesse para um museu instrumental, taes como pianos modernos, objectos duplicados, etc. Confesso que não tenho o menor remorso d'esse *excès de zèle*, porquanto me animou sempre a esperanza de que o Estado consentiria na sua troca com outros museus ou os venderia de futuro, mais valorizados pelo tratamento, para applicar o seu producto ao engrandecimento do proprio Museu, quando as forças financeiras do paiz permittissem a sua creação definitiva. Nova utopia, talvez, em que o meu idealismo incorrigivel se deixou mansamente embalar!

Mas não devo deixar de mencionar a importancia real de alguns numeros da lista que acabo de expôr e que são especialmente: A Batuta de D. João V, os instrumentos marchetados da ilha da Madeira, os metaes de Raphael Rebello, um Clavicordio velhissimo, infelizmente em pessimo estado, um Cravo de martellos com 4 oitavas, um Pianinho com embutidos dos fins do seculo XVIII ou principios do seguinte, o antiquissimo Arco de violoncello, ou antes Arco de baixão, que acompanhou o numero 77, o Chapeu chinês e o Triangulo de banda marcial, o Basshorn que o Rei D. Carlos offereceu ao Museu d'Artilharia, a Trompa omnitonica, e o Carrilhão de Brancanes, que não pouco trabalho me deu para completar e trazer para o museu.

Não alludirei ás duas Espinetas do seculo XVI nem ao Clavicordio do sec. XVIII, peças ornadas de pinturas interessantes, porque voltam muito em breve, como disse, para a posse do colleccionador.

Tambem me não refiro ao duplo Flageolet de Bainbridge, que pertence ao sr. Manuel de Macedo Pereira Coutinho. S. Ex.<sup>a</sup> lhe dará o destino que julgar conveniente.

\* \* \*

Vejamos agora com que novos elementos contava eu para a realisação d'este conjuncto de utopias, que se chama a creação

*futura* de um Museu d'Instrumentos musicos em Portugal!

Não pretendo negar que tenho tido os olhos constantemente fitos no Museu Keil. Uma collecção d'instrumentos, em que ha exemplares preciosissimos, que se pretende vender por uns miseros 8 contos e tal, e que vae muito provavelmente enriquecer os negociantes estrangeiros e figurar nos museus e collecções lá de fora, não é cousa que me deixasse indifferente. Sabendo porém que o Estado não podia dispôr dos taes 8 contos e tal, pelo menos neste momento, limitei-me a meditar aquelle famoso distico dantesco, que se resume em duas palavras lapidares: *Spira, spera*.

Outro meio havia de mais pratica e economica execução. Não fallando já na minha modesta collecção particular, em que apesar de tudo ha umas oito peças de iniludível valor artistico e intrinseco (1), collecção que se destinava a augmentar, *on loan*, o fundo do futuro Museu — independentemente d'isso, algumas diligencias empreguei no sentido de dotar esta instituição com elementos valiosos, interessantes e sobretudo... baratos, visto como na nossa terra a arte tem de ser cotada... pelo baixo.

Assegurei assim o apoio de certas entidades officiaes, que possuem instrumentos musicos, e alguns de raro valor artistico e archeologico. Fallei a alguns possuidores de cousas que podiam interessar a esta collecção. Entendi-me com fabricantes nacionaes e estrangeiros, com os quaes, pela indole da minha occupação professional, mantenho antigas relações. Correspondi-me assiduamente com directores de museus e collecções estrangeiras, alguns dos quaes, como Victor Mahillon, illustre chefe do Museu de Bruxellas, René Brancour, conservador do de Paris, Paul de Wit, Paul Cesbron, etc., me valeram muitas vezes com os seus conselhos e, o que mais é, me fizeram valiosas promessas de permuta.

Salvo no elemento burocratico portuguez, em toda a parte encontrei palavras de animação e de incentivo, affirmações de solidariedade e promessas de beneficio para o empreendimento em que me havia lançado.

Além d'isso, a collecção que se ia pouco a pouco formando dava-me satisfação. Pou-

(1) Uma das peças que me cumpre mencionar e que veiu ultimamente enriquecer o meu proprio, posto que escasso, peculio, é um admiravel Cravo de dois teclados, de Longmann & Broderip, que pertenceu ao conhecido aguarellista Enrique Casanova, Cravo que elle havia depositado no Museu de Arte Antiga, e que generosamente me offereceu para que me ficasse pertencendo e se não perdesse. Está actualmente em reparação.

cas eram as peças que tinham um acentuado valor archeologico, é certo, a necessaria *raridade* para o caso, mas eu sabia bem como os grandes museus estrangeiros se tinham feito.

O de Bruxellas, que hoje conta cerca de 3:000 objectos, começou com os 76 instrumentos da collecção Fétis, que o estado belga adquiriu. O de Paris teve por inicio as 230 peças da collecção Clapisson, que o estado francez tambem adquiriu. O de Roma, comprou-a recentemente o estado italiano ao collecionador Evan Gerga. O do Kensington, de Londres, sendo grandioso, é quasi todo devido ao patriotismo e boa orientação artistica dos expositores *on loan*, o que não impede que seja largamente patrocinado pelo estado inglez. O de Colonia, que não pertence ao estado, começou pela compra do pequeno Museu Wit, e hoje é um dos primeiros do mundo. O de Milão, que nasceu das dadas de alguns concorrentes á Exposição de 1881, é já agora largamente protegido pelo estado e pelo municipio. Os de Florença, Bolonha, Copenhague, Vienna d'Austria, Nuremberg, etc., enfim, todos os que ha por essa Europa fóra e pela America tambem, tiveram o mais modesto inicio e devem a sua actual prosperidade não só ao altruismo de particulares, mas tambem á intelligente, fecunda e valiosa intervenção das administrações publicas.

Certo é comtudo que esses Museus, e os que não citei para me não alongar em extremo, sempre começaram por... comprar alguma cousa. Ora no caso a que eu tinha ligado a minha actividade e sacrificado o meu tempo e a minha tranquillidade d'espirito, com a quasi completa desajuda official e sentindo mais de uma vez um proposito de se estorvar ou pelo menos enfraquecer a minha iniciativa, n'este caso havia ainda a mais triste, desanimadora e mesquinha penuria e, além de tudo o mais, a quasi convicção, para mim, de que em tempos mais proximos se não sacrificaria a menor quantia a um empreendimento que, desdenhado em terra lusa talvez como uma futilidade, não deixa de ser tomado muito a sério em todas as nações sérias.

Mas *querer é poder*; e quando houvesse de renunciar a esse *insensato* projecto, fallou-a só nas ultimas trincheiras e depois de esgotados os derradeiros recursos da minha pobre mas teimosa estrategia.

Uma das cousas porém que sempre me preocupava era o facto de eu ter apartado um certo numero de objectos nas arrecadações e sotãos do palacio de Mafra (numeros 1 a 25 e 35 a 58), de ter assignado os com-

petentes recibos e mais papelada official, de ter até pago as respectivas despezas de transporte desde Mafra até às Necessidades — e de não haver meio de obter a entrega dos decantados objectos.

Durante mezes supportei esta situação, um tanto anormal, com resignada philosophia; ouvi pacientemente as varias razões de ordem burocratica, os varios pretextos de lana caprina, que me quizeram servir, com condimentos e molhos varios, para explicação de tão extranho caso, — até que me resolvi ha pouco tempo a ponderar muito respeitosaente ás estações officiaes que justo era, por elementar formalidade e boa logica, que ou me fizessem a mais rapida entrega dos objectos por mim escolhidos, ou tivessem por bem annular os documentos que eu havia firmado.

Já me referi, não sem uma pontinha de amargura, á doce mansuetude e até ao beatifico esquecimento com que haviam sido acolhidas muitas das minhas precedentes communicações dirigidas ás varias personagens governativas com quem estive em relações. D'esta vez porém, a resposta não se fez esperar muitos dias. Ei-la em toda a sua nudez:

«Direcção Geral da Fazenda Publica, 5 de Abril de 1913. — Ao sr. Michel'angelo Lambertini. Communico a V. que o Ex.<sup>mo</sup> Ministro das Finanças, por despacho de 3 do corrente, mandou cessar a commissão de que V. estava incumbido, e bem assim restituir-se-lhe o dinheiro, que deixou na Administração do Palacio de Mafra para transporte de varios objectos, que não chegaram a ser transferidos para as Necessidades. Saude e Fraternidade. — O Director Geral. (a) *Manoel Maria Augusto da Silva Bruschi*.»

Apezar de mediocrementemente versado em materia burocratica, devo aqui confessar que o facto de ter recebido o encargo organisador d'esse embrião de museu pelo Ministerio do Interior e a demissão pelo das Finanças me deixou um pouco perplexo, tanto mais que ninguem poderá deixar de notar os termos em que essa demissão me é communicada e que fazem suppôr quaes sejam os do despacho de 3 do corrente mez.

N'esta perplexidade, impunha-se o seguinte officio, que pouco depois expedi:

«Lisboa, 9 de Abril de 1913. — Ex.<sup>mo</sup> Sr. Ministro do Interior. Por portaria proveniente d'esse ministerio, com data de 21 Dezembro de 1911, fui eu nomeado para

proceder, sem remuneração de especie alguma, á colleccionação dos Instrumentos e Accessorios musicos que se encontrassem dispersos em varios edificios de conventos, paços, museus, etc., e d'essa missão me tenho desempenhado na medida maxima dos meus meios. Acabo porém de receber um officio do sr. Director Geral da Fazenda Publica, em que se me comunica que, por despacho do Ex.<sup>mo</sup> Ministro das Finanças, de 3 do corrente mez, cessara a commissão de que eu estava incumbido. Venho pois pedir a V. Ex.<sup>a</sup> se digne fazer-me saber se este despacho se liga ao assumpto da referida portaria, visto não ter recebido d'esse ministerio communicação alguma a tal respeito, ou se o officio do Ministerio das Finanças se explicará por um equivooco qualquer. E fico aguardando a resposta a tal respeito, para meu conhecimento e devidos effeitos. Saude e fraternidade. — (a) *Michel'angelo Lambertini*.»

Estão n'este ponto as cousas. Não tardará que venha do Ministerio do Interior a confirmação da minha inexplicavel e inexplicada exautoração. Mas quer venha quer não, eu é que não posso deixar de dar a minha missão official por finda. Nem já quero perder tempo a commentá-la.

Espero que o governo nunca me accusará de falta de ordem, ou de menos conveniente organização, na guarda dos objectos que confiou á minha vigilancia e cuidado. Não pode fazê-lo. Todos os Instrumentos e Accessorios musicos se encontram numerados, correspondendo essa numeração a um Livro d'entradas, onde figura, a par do nome do objecto e seu numero d'ordem, a proveniencia e o estado em que o recebi.

Devo dizer que muitos d'esses objectos chegaram ao meu poder em pedaços. Mande-i collar á minha custa muitos fragmentos; outros que exigem reparações dispendiosas para se utilisarem, guardei-os cautelosamente por forma a não haver extravio ou confusão.

A cada entrega corresponderam sempre dois documentos: um recibo por mim firmado, e um auto d'entrega, que devidamente archivei, e que está assignado pela pessoa que, com ordem superior, me fazia essa entrega.

Tomei o assumpto a serio... e tambem tomei todas as precauções necessarias, hão-de concordar.

Devo porém dizer que, embora terminasse o meu encargo official, por forma alguma abandono a primitiva idéa da formação do Museu. Afinal, o auxilio que me

vinha dos poderes publicos era de pequena valia e esta não correspondeu nunca ao esforço a que tal auxilio me obrigava. Recobro pois, com todas as vantagens, a mais inteira independencia para a minha acção.

Entendo que o paiz pôde ter um Museu Nacional d'Instrumentos. Deve tê-lo, apesar da não intervenção governativa e talvez até graças a essa não intervenção, visto o character com que ella se apresenta e que acabo de referir.

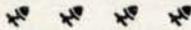
Vou pois tentar realisá-lo, fóra completamente das influencias officiaes, para o que conto já com elementos de alta valia.

A varias entidades me dirigirei ainda, que, como espero, saberão comprehender e auxiliar o movimento de iniciativa particular, que me propuz de algum modo promover.

*Chi dura vince.* — E' conformando-me com essa maxima que me proponho não desanimar; e, se encontrar o appoio que ambiciono, tenho fé que hei-de vencer.

Lisboa, 21 de Abril de 1913.

MICHEL'ANGELO LAMBERTINI.



## Francisco de Lacerda em Marselha

Tem tido o mais brilhante exito os concertos symphonicos de Marselha, dirigidos pelo nosso eminente compatriota Francisco de Lacerda. Enchem-nos de orgulho, aliás bem desculpavel, as referencias elogiosas que vemos a cada momento nos jórnaes francezes ácerca d'esse preclaro artista portuguez que, com Vianna da Motta e Francisco Andrade, tão dignamente levanta e honra o nome patrio no estrangeiro.

Francisco de Lacerda, *un chef d'orchestre de la plus rare espèce*, como lhe chamou E. Ansermet no *Courrier Musical*, *né chef d'orchestre*, como disse o seu mestre Vincent d'Indy, é realmente uma personalidade que se tem imposto lá fóra, não só pelo talento como pela bem orientada actividade e pelo desdem com que encara, em materia d'arte, tudo o que é banal ou menos elevado. Os seus trabalhos de director e organisador na *Schola Cantorum* de Paris consagraram-o desde logo. Nantes, onde fundou a *Association des Concerts Historiques*, Angers e Montreux, onde dirigiu series inteiras de concertos symphonicos, tiveram successivamente occasião de admi-

rar as suas grandes qualidades de chefe e os dons verdadeiramente excepcionaes do seu temperamento d'artista.

Os 27 concertos de Marselha, cujos programmas temos presente e que se estenderam desde 20 de outubro até 30 do mez passado, são um genuino padrão de gloria para o nosso illustre compatriocio. N'elles se passou em revista uma infinidade de obras symphonicas, a partir de Gluck e passando por Bach (*Symphonia* em ré maior), Haydn (*Symphonias* em sol maior, ré maior e *Militar*), Mozart (*Symphonias* em sol menor e *Jupiter*), Beethoven (*Symphonias* varias e *Ouvertures*), Schubert (8.<sup>a</sup> *Symphonia*), Mendelssohn (7.<sup>a</sup>), Schumann (3.<sup>a</sup> *Symphonia*, *ouvert.* de *Manfred* e a cantata *Cantique de l'Avant*), Brahms (*Ouverture tragique*), Berlioz (*ouvert.* do *Carnaval Romain*), Wagner (tudo o que se toca em concertos), até chegar aos modernissimos Cesar Franck (*Symphonia* em ré menor, *Salmo 150*, etc.), Lalo (*suite* de *Namouna*, *Rapsodie norwégienne*), Grieg (*Danses norwégiennes*, *Suite lyrique*, etc.), Tchaikowski (6.<sup>a</sup> *Symphonia*), Rimsky (*Symphonia* do *Antar*, *Capricho espanhol*, *Schéhrazade*), Dittersdorf (*Symphonia* em dó maior), Borodine (*Danses poloctsiennes*, *Dans les steppes*), Sibelius (*Le Cygne de Tuonela*, *Finlandia*), Smetana (*ouvert.* da *Fiancée vendue*), Schillings (Prologo do *Edipe-Roi*), Indy (Preludio do *Ferhaal*), Debussy (*Rondes du printemps*, *Nuages*, o poema lyrico *La damoiselle élue*, etc.), além de muitissimas outras de menor importancia.

Quanto aos poemas symphonicos, propriamente ditos, não resistimos ao prazer de mencionar os que Lacerda teve occasião de fazer conhecer ao publico marsehez. São *Le Chasseur maudit* de Franck, *Vysehrad* de Smetana, *Stenka-Razine* de Glazounow, *Phaeton* e *Danse macabre* de Saint-Saëns, *En Saga* de Sibelius, *Viriane* de Chausson, *Lenore* de Duparc, *Nuit de Noël en mer* de Mayan, *Morte e transfiguração* e *D. Juan* de Ricardo Strauss.

Se accrescentarmos que alguns d'esses programmas foram esmaltados por solistas illustres, como Jane Bathori, Marguerite Long, Ricardo Vinès, Louis Froelich, J. Boucherit, Alfred Cortot, Fritz Kreisler e outros, daremos uma idéa da grande importancia artistica que assumiram os concertos de Marselha, como pela enumeração das principaes obras executadas já haviamos feito sentir, ainda que pallidamente, a primorosa orientação artistica e excepcionaes qualidades de trabalho do talentoso artista portuguez.



## Carta do Porto

### III

Uma das notas mais interessantes d'esta quinzena, foi indubitavelmente a inauguração dos concertos na nova «Sala de Festas» do Jardim Passos Manoel, com a notavel harpista franceza M.<sup>me</sup> Wurmser-Delcourt, esposa do reputado pianista Lucien Wurmser, que ahi conhecem muito bem, e que já por duas vezes foi contractado pelo Orpheon Portuense, onde deixou as mais gratas impressões da sua delicada e expressiva interpretação das obras dos grandes mestres.

Não possuia esta cidade uma boa sala de concertos, pois as que para isso servem ou são de exígua lotação e adaptação deficiente, ou desconfortaveis como as do Palacio de Crystal.

Veio portanto, a arrojada empreza «Passos Manoel» preencher em parte essa lacuna, fazendo construir n'uma das dependencias da sua casa de diversões, que já era a primeira do Porto, pela elegancia e acção das installações e pela frequencia escolhida que ali se exhibe, um luxuosissimo salão para concertos com a lotação de 600 logares. Não está portanto, ainda resolvido o problema d'uma sala para grandes audições com importantes massas instrumentaes; mas para todas as outras manifestações da arte musical, tem a que acaba de inaugurar-se, além do indispensavel conforto, um aspecto de requintada elegancia e as mais apreciaveis condições acusticas apezar do seu lanternim envidraçado que a apropria ás *matinées*. Veio mais uma vez o acaso intervir favoravelmente na problematica realisação da resonancia das salas de concerto; quanto ao resto, áparte a configuração que lhe era imposta pelo terreno disponivel — que n'aquelle ponto da cidade se paga por preço exorbitante — tinha o novo «Salão de Festas», a garantia do bom gosto dos artistas que dirigiram a sua construcção.

A decoração toda a branco e ouro, os estofos em pelluche verde e os motivos decorativos d'uma deliciosa sobriedade artistica realisados por um esculptor de merito que pouco depois da sua conclusão morria deixando a familia ao desamparo, o pobre

Gonçalves da Silva, impressiona o mais agradavelmente possivel quem passeia o seu olhar desde a plateia á galeria que circunda harmonicamente os tres lados da sala. A illuminação electrica, disposta em renques de lampadas nas principaes linhas decorativas dos extremos e em elegantes lustres centraes e globos lateraes, é verdadeiramente feerica e imprime ao conjunto um aspecto desusadamente brilhante.

Cabem pois os melhores louvores á administração da Empreza «Passos Manoel» pelo arrojo da sua iniciativa que faz honra á cidade; e esses louvores tem de ser ainda engrandecidos por desejar applicar o seu «Salão de Festas» ás manifestações da arte séria, inteiramente separadas das outras diversões que, a dentro do seu vastissimo recinto, seja forçada a offerecer aos que tenham em estado embryonario o seu sentimento esthetico.

N'esta orientação resolveu realizar um certo numero de concertos com artistas de renome no estrangeiro contractados expressamente, embora com sacrificio e apprehensão de duvidosos interesses.

Coube a vez, para iniciação, á magnifica harpista franceza M.<sup>me</sup> Wurmser-Delcourt, vinda expressamente de Paris para dois *recitals* de harpa-chromatica de Pleyel, que se effectuaram nos dias 14 e 16, com exito invulgar.

Parece á primeira vista que um *recital* de harpa não sustenta a attenção d'um publico, pela deficiencia expressiva do instrumento; mas ao ouvirem-se dois programmas tão bellos e variados como os que a admiravel artista executou, essa opinião anticipada desvanecce-se e extingue-se totalmente.

M.<sup>me</sup> Wurmser é uma artista com cotação em Paris, nos concertos Colonne, nos seus concertos *chez Pleyel*, admirada recentemente n'uma larga *tournee* pelas primeiras cidades da Italia e em outros paizes, e já com contracto para larga série de concertos na America do Sul. A sua execução é perfeita como virtuosismo e deliciosa como musicalidade, tendo o mais completo sentimento do valor do que executa.

A natureza prodigalisou-lhe todos os seus dons para que junto da sua harpa, creasse a mais fascinadora visão e com o poder do seu talento produzisse o maior enlevo de espirito dos que tão attentamente a escutaram. O resto deve-se ao poder inventivo de Gustave Lyon, um dos chefes da afamada casa Pleyel, que poz sob os delicados dedos da artista o magnifico instrumento que nós ouvimos, com uma sonoridade ampla e nobre, cheia de vigor nos

seus bordões, e enchendo bem a vastidão do recinto.

Eu não quero entrar nas contendas entre os partidarios da harpa de pedaes e os da harpa chromatica de Pleyel; mas o que sei dizer é que o modelo de que M.<sup>me</sup> Wurmser se serve é um instrumento magnifico devéras, que honra o consagrado talento do illustre inventor a quem se devem muitos aperfeiçoamentos dos seus pianos reputadissimos, o piano duplo, osapparelhos para o reconhecimento dos defeitos acusticos das salas e ainda recentemente, um novo carrilhão electro-pneumatico que acaba de servir no *Carillonneur* de Leroux, ultimamente executado em Paris.

Nos bellos programmas de M.<sup>me</sup> Wurmser, destaca-se a *Fantasia Chromatica* de Bach, executada de fórma superior e ainda do mesmo compositor a *Gigue* em si bemol, *Largo* e *Gavotte*.

Pois todas estas peças, que foram executadas com inexcedível talento e virtuosidade, não concorreram pouco para attestar o valor do instrumento.

Levar-me-hia muito longe falar de todas as obras que M.<sup>me</sup> Wurmser interpretou com a magia da sua technica e a delicadeza do seu temperamento; mas injustiça seria não citar a *Courante* de Haëndel, o *Menuet* de Rameau, assim como dos compositores modernos um interessante *Impromptu* de Grovlez, *L'Obsession* de Florent Schmitt, *Allegro de concert* de Eneseo e *Intermezzo* de Février.

Um *Nocturno* de Lucien Wurmser e algumas outras peças de virtuosismo confirmaram o alto valor da harpista e provocaram, nos dois concertos, a unanimidade da opinião dos que tiveram a fortuna de a ouvir, executando ainda a intelligente *virtuose* outras peças extra-programma.

Esquecia-me dizer que M.<sup>me</sup> Wurmser foi a primeira concertista de harpa chromatica, que nos visitou.

Por conta da mesma empreza já está contractado para dois concertos em 5 e 7 de maio proximo, o *Quartetto Vocal de Paris*, composto de M.<sup>elle</sup> Bonard, soprano; M.<sup>me</sup> Chadaigne, contralto; Mr. Paulet, tenor e Mr. Eyraud, baixo. E' um grupo consagrado pela critica e a quem Chevillard, contractou ainda ha pouco para os concertos Lamoureux. Nada mais é preciso dizer. Os seus programmas tem absoluta novidade entre nós, pois contam obras dos compositores francezes do seculo XVI — a *cappella* — os *Minnespiel* de Schumann, obras de Brahms, de Haëndel, e de compositores modernos, algumas expressamente escriptas para o mesmo grupo, que é con-

siderado como o primeiro de Paris na arte do canto.

Espera-se tambem um pianista de procedencia allemã para o Orpheon, ainda n'este mez, e começa-se a entrar na phase melindrosa das sessões de discipulos. Eis o que ha.

Porto, 24 de Abril de 1913.

ERNESTO MAIA.

**Rectificação.** — O titulo da peça de Ravel que o barytono Carlos Clark cantou nos seus concertos do Porto, é *Tout Gai* e não *Font Sai*, como por erro typographico sahiu no ultimo numero.



## Raridade bibliographica

A' nunca desmentida cortezia do sr. Manuel de Carvalhaes, erudito investigador de assumptos musicaes portuguezes, devemos a seguinte nota, a que com muito prazer damos publicidade.

Da Bibliotheca Palatina de Parma (secção musical). N.º 12:441.

Libro De musica de vihuela de mano Intitulado El Maestro: compuesto por Don Luys Milan. En la Ciudad de Valencia. M.D.XXX.VI.

Este titulo é manuscrito, de duas côres, vermelho e preto, e occupa o lugar do frontispicio, que falta. O exemplar começa na meia folha AIII, tendo-se perdido as duas primeiras.

AIII é o *Prologo* o qual tem o titulo seguinte:

Libro de musica de vihuela de mano. Intitulado El maestro. El qual trahe el mismo estilo y horden que un maestro traheria con un discipulo principiante: mostrandole hordenadamente desde los principios toda cosa que podria ignorar: para entender la presente obra: dandole en cada disposicion que se hallara: la musica: conforme a sus manos. Compuesto por Don Luys Milan. Dirigido al muy alto y muy poderoso y invictissimo principe don Juã: por la gracia de Dios rey de Portugal...

Dedicatoria: «Muy alto, catholico y poderoso principe rey y Señor.»

No fim: Fue impresso el presente libro de musica de Vihuela de mano intitulado el Maestro: por Francisco Diaz Romano. En la Metropolitana y Coronada Ciudad de

Valencia. Acabose a IIII dias del mes de Deziembre Año de nuestra reparacion de mil y quinientos treynta y seys.

1 volume in-4.º de 100 paginas não numeradas. O registo vae de A até R.

A obra é dividida em dois livros o 1.º dos quaes chega até á pagina 48. Contém, além das instruções para tocar a *vihuela*, fantasias, preludios, pavanas, villancieos, romanzas, sonetos; estes ultimos tres com palavras españolas, portuguezas e italianas postas debaixo da musica. Esta é em regra de seis linhas com numeros indicando os pontos onde tocar. O valor das notas é marcado sobre a pauta, por meio das figuras das notas mesmas. O texto é impresso com caracteres semi-gothicos. Na meia folha AIIII está a figura da *vihuela* com a indicação para afiná-la. Falta o indice.

O frontispicio n'este exemplar incompleto deveria ter os seguintes dizeres:

Libro de musica de vihuela de mano Intitulado El maestro. El qual trahe el mesmo estilo y orden que un maestro traheria con un discipulo principiante: mostrandole ordenadamente desde los principios toda cosa que podria ignorar para entender la presente obra. Compuesto por Don Luys Milan. Dirigido al muy alto y muy poderoso y invictissimo principe Don Juhan: por la gracia de Dios rey de Portugal y de las ysias. Año M.D.XXXV.

Do que se vê como a impressão da obra foi iniciada em 1585.

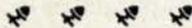
D'esta rarissima obra, admiravel pela nitidez da impressão, conhecem-se apenas mais seis exemplares. (Vid. G. Morphy — *Les Luthistes espagnols du XVI siècle*. — Leipzig, 1902).

O exemplar da Bibliot. Palat. de Parma, embora falto das meias folhas AI, AII, e um pouco traçado nas primeiras folhas, está muito bem conservado. Meia encadernação.

O Liehtenthal (*Dizionario e Bibliografia della musica*, Milano 1826) cita edição de 1534, dizendo:

*Milan (Don Lodovico)*: nobre hespanhol de Valencia: *El maestro o Musica de Vihuela de mano*. Valencia, 1534.

O Burney na sua historia da musica, vol. III, pag. 289, cita tal livro como obra theorica, e o Forkel dá-lhe collocação entre os methodos de guitarra.



## Conferencias d'arte no Theatro Nacional

À data da publicação do presente numero da *Arte Musical* já se realisaram tres d'estas conferencias dos drs. Bettencourt Rodrigues, João de Barros e Sousa Pinto. Pelos assumptos tratados e pela doutrina que encerram merecem mais larga referencia e no proximo numero d'ellas nos occuparemos. Por agora apenas quizemos registar mais uma vez tão educadora iniciativa e agradecer a gentileza dos convites recebidos.



Como annunciaramos no nosso ultimo numero realisou-se em 11 no Salão da Illustração Portugueza o concerto musical promovido pela reputada professora de canto D. Alexandrina Castagnoli Curado de Brito.

Compunham o programma trechos de Puccini, Ponchielli, Donizetti e Saint-Saëns que tiveram execução conscienciosa e brilhante.

José de Brito ouviu entusiasticos applausos no racconto da *Bohème* e no arioso dos *Palhaços* tendo de bisar um dos trechos.

Tambem a sr.<sup>a</sup> D. Leonor de Chelmicki Afflalo se fez applaudir com justiça na *Gioconda*, na *Mignon* e na *Favorita* bem como nas canções portuguezas.

Os professores Carlos Quilez e Caggiani, respectivamente, no violoncello e no violino deliciaram o auditorio com o encanto do seu talento e os prodigios da sua arte, havendo ambos executado trechos extraprogramma.

O sr. Ribeiro Lopes disse na perfeição uma esplendida tirada do *Rei Lear* na traducção de Julio Dantas e fez depois uma scena mimica que mostrou outra face do seu malleavel talento que ainda e revelou n'um engraçado monologo.

Finalmente, para fecharmos com chave d'ouro a illustre promotora do concerto nos acompanhamentos ao piano e na bella pagina que nos cantou, mais uma vez documentou os seus altos meritos de cantora e de executante e o interesse que lhe merece a formosa arte que com tanto amor cultiva.



No dia 13 e perante uma assistencia das mais escolhidas realisou o notavel professor Oscar da Silva uma encantadora sessão de alumnas no novo salão de festas do Jardim Passos Manoel (Porto).

Professor e discipulas, algumas d'ellas verdadeiras artistas, foram alvo das mais significativas demonstrações de apreço.



Na noite de 14 do corrente, realisou-se no Salão da Liga Naval, uma interessante audição promovida pelo distincto pianista

e abalariado professor, Alexandre Rey Colaço.

As obras que figuravam no programma eram todas produções de compositores celebres dos fins do seculo XVIII e principios do seculo XIX.

Assim abriu o concerto com uns interessantissimos pequenos trios de *Rameau*, executados pelos srs. Colaço, Forsini e Somers Cocks. A extrema delicadeza d'estas composições, a sua enorme simplicidade e os ornamentos que a todo o passo se lhe encontram, tornam estas verdadeiras joias musicas de uma difficuldade que nem todos conseguem vencer. Apesar de só á ultima hora o sr. Forsini ter substituido o sr. Blanch, não ha duvida que os tres artistas mereceram os applausos com que o publico os brindou.

Da parte de canto encarregou-se M.<sup>elle</sup> Palma Marcantoni, uma joven e interessante amadora, que nos fez ouvir trechos de Gluch, Handel, Calclora, Durante, Bach, Purcell, etc.

Em todos os seus solos mostrou M.<sup>elle</sup> Marcantoni que sente o que canta e conhece os variados estylos da epocha em que floresceram aquelles primorosos compositores.

A sr.<sup>a</sup> D. Judith Luisello Fernandes, que estava para substituir na parte a solo o sr. Rey Colaço por este se achar incommodado de um dedo, tambem á ultima hora adoeceu não podendo tomar parte no concerto. Felizmente, encontrava-se entre os espectadores M.<sup>elle</sup> Aussenac, que a instancias de varias pessoas condescendeu em substituir os que se achavam impossibilitados e deu-nos o prazer de a admirarmos n'um *choral* e *gavote* de Bach que a intelligente artista executou primorosamente.

O sr. Forsini em substituição de Pedro Blanch executou a solo o *largo* de Handel e *gavote* de Bach, mostrando mais uma vez as suas raras qualidades de violinista.

Na *sonata* de Baccherini, obra de extrema difficuldade provou o sr. Somers Cocks quanto é legitima a fama de que gosa de violoncellista de alto valor.

O *clou* d'essa audição foi o concerto em ré menor de Bach, para tres pianos com acompanhamento de quartetto duplo.

Essa obra monumental teve uma bella execução por parte de M.<sup>mes</sup> Rosen, Souto e Rey Colaço.

Consta-nos que brevemente realisará Rey Colaço no mesmo local um concerto em que só se executa musica moderna.

Logo que esteja elaborado o respectivo programma publica-lo-hemos se vier a tempo de sair no numero seguinte.

\*\*

Continúa sem interrupção o cyclo de concertos de musica de camara, tão artisticamente organisados pelo illustre professor Moreira de Sá nas salas da casa Mello Abreu, do Porto.

A 11.<sup>a</sup> sessão, a 18 d'este mez, tinha no programma o *Quarteto* de Fauré e o segundo de Mendelssohn, ambos com piano, sendo executantes as sr.<sup>as</sup> D. Orizia Pimentel, D. Maria Adelaide Campos Diogo e D. Laura Barbosa, e os srs. Moreira de Sá e José Gouveia.

Dois dias depois realisava-se a 12.<sup>a</sup> sessão, em que só figuraram instrumentos d'arco. Na execução do ultimo *Quarteto* e no *Quinteto* com duas violas de Beethoven, distinguiram-se os considerados professores Moreira de Sá, Alberto Pimenta, Benjamin Gouveia, Hasdrubal Godinho e J. Casaux.

\*\*

Foi-nos impossivel assistir á audição de alumnos, que a *Academia de Amadores* promoveu em 19 no salão do Conservatorio. Informam-nos comtudo que foram muito apreciados os solistas que n'esse saíram se apresentaram, sendo muito applaudidas no piano as sr.<sup>as</sup> D. Ophelia Rosa Ramos e D. Evangelina Cardoso Teixeira; no canto as sr.<sup>as</sup> D. Sarah Marques de Sousa, D. Maria Helena Varela Cid, D. Hilda Bandeira Carneiro e D. Stella Leitão e no violoncello a sr.<sup>a</sup> D. Irene de Freitas.

O concerto fechou com um *Trio* de Haydn pelas alumnas Marianna Souto Pimentel, Irene de Freitas e Judith Leiria.

\*\*

Agradou muito no Porto o concerto ali organisado em 19 pelo distincto violinista Efsio Anedda, com o concurso de alguns dos seus melhores discipulos e do pianista José Cassagne.

O promotor do concerto foi muito calorosamente applaudido na *Sonata* de Grieg e em varias obras de Sarasate, que executou com grande talento.

\*\*

A notavel pianista Mademoiselle Marie Antoinette Aussenac, que já não tinhamos o prazer de ouvir desde 1910, visitou-nos ultimamente e deu dois *recitals* no lindo salão da *Liga Naval*, ao Calhariz, nas noi-

tes de 21 e 22 de abril. Foram elles compostos das seguintes peças :

<i>Prélude et Fugue</i> .....	Bach-Liszt
<i>Tocata et Fugue</i> .....	Bach-Tausig
<i>Invitation à la valse</i> .....	Weber
<i>Sonate en Si mineur</i> .....	Chopin
<i>Etude</i> .....	Chopin
<i>In der nacht</i> .....	Schumann
<i>Bénédiction de Dieu dans la solitude</i> .....	Liszt
<i>Cantabile</i> .....	Cesar Franck
<i>Etude en forme de valse</i> ..	Saint-Saëns
<i>Nocturne</i> .....	Fauré

Fôra dos programmas, Mademoiselle Aussenac, que foi muito victoriada pelo publico que nas duas noites enchia o salão, tocou ainda outros trechos de Chopin, Saint-Saëns, etc.

Esta personalissima artista revelou-nos mais uma vez o seu excepcional temperamento, mas mais desenvolvido, completado e como que orientado numa nova corrente de arte que, em França mais do que em qualquer outro paiz, se tem manifestado ultimamente. Não desejamos explanar em extremo as considerações que este caso artistico nos sugere porque, como a pianista nos annunciou, brevemente teremos occasião de a ouvir em novos e mais completos concertos. Esperamos até ouvi-la acompanhada por orchestra.

Entretanto não deixaremos de notar o character que julgamos inedito entre nós, da sua arte toda feita de sonho, em que o vago e indefinido de certos aspectos se contrapõem, com singular evidencia, ás formas das anteriores escolas pianísticas. Apesar da grande energia e arrebatamento, que por vezes emprega, ha nos seus processos artisticos algo que não apparecia na maneira allemã, solida e nitidamente definida, na anterior maneira franceza, perfeitissima no detalhe e nas meias tintas. Vê-se que a pianista procede de um mundo novo; vem directamente de um paiz em que ha filosofos como Bergson, musicos como Debussy, poetas como Verlaine e toda uma nova litteratura que abraça e domina o mundo da arte em geral.

E Mademoiselle Aussenac, que é toda ella intuição genial e profunda sensibilidade, achou-se envolvida nesse movimento de arte de sonho, mas já quando felizmente possuía uma technica admiravel e havia assimilado correntes artisticas varias, a da arte italiana e da arte classica em que se formára a sua imaginação infantil, e uma forte corrente educadora, a de Paris.

Tal é o caso que, por primeira vez, se nos revelou nas audições da deliciosa artista, e que esperamos vêr em breve confirmados e mais largamente documentados.

Por enquanto desejamos-lhe uma feliz viagem até à *Ville lumière* e um breve regresso a Lisboa para mais completamente a podermos apreciar.

*Donc bon voyage et bon retour.*

\*  
\*\*

Depois de uma prolongada e grave enfermidade, reapareceu em publico na noite de 24, o nosso querido amigo e illustre violinista Francisco Benetó.

Foi no salão da Trindade, posto á sua disposição pela empresa O'Donnell, que Benetó realisou a sua festa. O programma era variado e interessante sob o ponto de vista artistico.

Uma orchestra de arcos composta por discipulos de Benetó e artistas de valor, executou com a maior proficiencia a abertura de *Coriolan* de Beethoven, uma pequena composição de Freitas Branco, a *Marcha heroica* de Saint-Saëns e acompanhou o *Concerto* d'este mesmo auctor executado por Benetó.

M.<sup>me</sup> Venancio mostrou-se uma pianista de technica apreciavel e M.<sup>me</sup> Chelmiki Afflato fez-nos ouvir varios trechos em que patenteou uma voz agradavel e volumosa.

O *moto perpetuo* de Paganini executado por Benetó, Forsini, Sá e Freitas Branco causou um extraordinario entusiasmo em todo o publico que a instantes pedidos o fez repetir. A difficuldade em conservar o rythmo, a segura technica de que é preciso dispor e ainda a resistencia que se torna indispensavel possuir para não fraquejar o pulso nem o braço esquerdo, constituem o grande escolho d'esta obra, escolho que os executantes venceram brilhantemente.

Resta-nos falar de Benetó que, tanto no *Concerto* de Saint-Saëns, como no *capricho viennois* de Kriesler e *Fantasia* da *Lúcia* de Saint-Lubin, obras de extraordinarias difficuldades, se portou sempre á altura do nome de que gosa no mundo da arte. Mas se n'estas obras apontadas mostrou Benetó a sua prodigiosa technica, a impecavel afinação, a sonoridade mascula e bella escola não ha duvida que na *reverie* de Schumann que tocou fóra do programma se elevou a uma altura que até agora não tinha attingido.

A simplicidade d'esta melodia constitue talvez a sua maior difficuldade e tanto assim que os grandes concertistas a incluem sempre nos seus programmas.

Pois podemos affirmar sem sombras de lisonja que nunca a *reverie* de Schumann nos fez tanta impressão como agora executada por Benetó.

O concerto decorreu sempre no meio do maior entusiasmo, sendo o promotor applaudido com delirio por todo o publico e recebendo dos seus amigos as mais incontestaveis provas de sympathia e consideração.

\* \* \*

Foi a todos os respeitos uma deliciosa noite a de 25 no Theatro da Trindade, que a eminente cantora e consagrada mestra de *bel canto* Eugenia Mantelli escolheu para a ouvirmos, e ás suas discipulas.

Na impossibilidade de transcrever o programma que era extenso, e de especialisar todos os trechos, citaremos entre aquelles que mais encantaram o publico, que literalmente enchia a sala, os n.ºs 8, 9, 11, 13, e 14 que encontraram nas suas gentilissimas interpretes uma execução admiravel.

Ainda registaremos a aria *Nanetta* do *Falstaff* de Verdi com acompanhamento de côros, e o *Agnus Dei* da *Missa de Requiem*, tambem com côros que tiveram um relevo e um colorido que fortemente impressionaram.

A segunda parte foi toda preenchida pela sympathica professora Eugenia Mantelli que nos deu a aria *Aprile Foriero* do *Sansão e Dalila* de Saint-Saëns e tres canções portuguezas, uma d'ellas do nosso illustre collega e reputado musico compositor Julio Neuparth, sendo ocioso dizer que em todos esses diversos generos Mantelli patenteou o que vale uma voz privilegiada quando a educação a dirigiu e o methodo a conservou.

Finalmente na 3.ª parte tiveram os felizes que estavam no theatro a ventura de assistir a uma revelação — a de um poderoso temperamento de actriz e de cantora, e ao desempenho das principaes scenas da *Cavallaria Rusticana* de uma fôrma que estavam porventura longe de prever.

Com effeito, a sr.ª D. Maria Couto, que fazia a *Santuzza*, foi essa revelação a que alludimos, porque ao ver a consciencia com que scenicamente nos deu aquella figura de apaixonada que o ciume desvaira e a segurança, a belleza e a intensidade de emoção com que musicalmente nol-a traduziu, dir-se-hia estarmos em presença de uma professional senhora dos seus recursos e não de uma amadora quasi incipiente ou pelo menos ainda não trenada para taes comettimentos.

Ou muito nos enganamos ou está ali alguem que poderá ir longe.

Do tenor sr. Raul de Lacerda diremos que é das mais lindas vozes de amator que ultimamente temos ouvido e tambem nos quer parecer que fará caminho se os fados lhe correrem propicios.

Finalmente a sr.ª D. Bertha Guimarães que já cantára a primor o *salice* de *Otello* de Verdi, no seu papel de *Lola* mostrou comprehender no ponto de vista theatral e musico o que fazia e o que cantava.

Quereriamos ainda citar nomes que em outros trechos cantados positivamente nos maravilharam, como foram D. Oriza da Silveira, D. Maria Amelia Cid, D. Ophelia Freire, D. Adelaide Victoria Pereira, D. Maria Helena Pery de Linde, cujo registro de contralto é de uma extensão e de uma sonoridade pouco vulgares e ainda D. Hortense Fontana, cuja fresquissima voz de soprano logo se vê tem tido o especial cultivo que merecia, mas escasseia-nos o espaço, e só nos pesa se destrahidamente incorremos n'alguma involuntaria omissão.

Resta-nos saudar a gloriosa promotora d'esta bella *serata* d'arte, a querida cantora Eugenia Mantelli de quem os da nossa idade guardam lembrança preciosa pelas agradaveis noites do S. Carlos de hontem, e a quem os amadores da actualidade devem a inolvidavel noite da Trindade de hoje.

Simultaneamente lhe agradecemos a gentilisa do seu amabilissimo convite.

A. V.



## PORTUGAL

Ficou transferido para 27 o concerto da distincta pianista, sr.ª D. Adelina Rosentock, a que nos haviamos referido no numero de 15 d'este mez. D'elle nos occuparemos no proximo numero, visto, á data do concerto, já não podermos entregar mais original á imprensa.

A proposito da noticia que ultimamente publicamos sobre essa festa, cumpre-nos fazer uma rectificação. O segundo *Con-*

*certo* de Saint-Saëns não foi agora tocado em primeira audição. Foi a pianista russa, Annete Essipoff, que o executou pela primeira vez, em 1880, no Colyseu da Rua nova da Palma e com acompanhamento d'orchestra; depois tocou-o o proprio auctor em S. Carlos, tambem com orchestra; quando esteve aqui o maestro Rudorff, tornou a tocar-se no mesmo theatro em dois pianos (D. Maria Gonçalves e Timotheo da Silveira); a mesma sr.<sup>a</sup> D. Maria Gonçalves tocou-o ainda com uma orchestra d'amadores; Oscar da Silva tambem o tocou, com a orchestra da *Academia de Amadores*, quando dirigida por Victor Hussla; por ultimo, ainda foi tocado em dois pianos, pela sr.<sup>a</sup> D. Maria Amelia Costa e o seu professor Timotheo da Silveira.

\*\*\*

N'uma *enquête* a que está procedendo o nosso brilhante collega francez, *S. I. M.*, sobre a situação social do artista musico em varios paizes, figura uma serie de informações do nosso illustre collaborador, Alfredo Pinto (Sacavem), ácerca do ensino da musica em Portugal e das condições em que aqui vivem os profissionaes d'essa arte.

\*\*\*

No papel de Mimi da *Bohème*, tem agrado muito no Porto (Theatro Sá da Bandeira) a distincta cantora Elsy Rubini, cuja educação musical foi feita, como se sabe, pela illustre professora Eugenia Mantelli.

\*\*\*

Na mesma cidade e theatro, subiu á scena, conquistando o maior agrado, um melodrama lyrico de Americo Angelo, filho do tão desventurado como talentoso compositor e professor portuense, Miguel Angelo.

E' uma peça, genuinamente portuguesa, que tem por titulo *Os pescadores*, e cujo poema se deve á penna elegante e vernacula do escriptor Ernesto de Menezes.

\*\*\*

Já foi distribuido o regulamento para o Congresso que a *Associação de Classe dos Musicos Portugueses* promove por ocasião das festas da cidade

O principal assumpto das tres sessões será a discussão do projecto de estatutos, versando-se comtudo antes da ordem do

dia outras questões d'interesse vital para a classe, as quaes serão tratadas pelos srs. Ernesto Vieira, Eduardo de Sousa e Thomaz Borba em relatorios especiaes.

A' sessão de 13 de junho (2.<sup>a</sup> do congresso) presidirá o sr. Augusto Jorge de Medina Sugia e não o sr. Miguel Alves, como por lapso diziamos no numero anterior.

\*\*\*

Em 3 de maio é que se realisa no theatro da Republica o primeiro concerto do nosso grande pianista, José Vianna da Motta, que, como dissemos, se encontra ha dias entre nós, acompanhado de sua esposa.

\*\*\*

Para a companhia lyrica do Coliseu dos Recreios, foi escripturada a distincta cantora portuguesa Maria Judice.

\*\*\*

Por ocasião das festas da cidade, projecta-se levar a effeito um concerto exclusivamente consagrado ás canções portugesas. Formou-se para esse effeito uma comissão de musicos e amadores de musica, que contam dar grande brilho a essa festa.

\*\*\*

O *Seculo* de 19 publica uma interessante entrevista com o nosso amigo e distincto professor Guilherme Ribeiro, sobre assumptos de canto coral e a proposito da recente criação do *Orpheon de Lisboa*.

\*\*\*

Uma das novidades musicas de maior sensação que se aguardam no Porto é o Quarteto vocal de Paris, que dará dois concertos a 5 e 7 do mez proximo no novo Salão de Festas.

Occupar-se-ha gentilmente da apreciação d'esses concertos o nosso illustre correspondente portuense, com a mesma proficiencia com que, n'este numero, se refere aos da insigne harpista chromatica, Wurms-Delcourt, que tão merecidamente applaudida foi no mesmo salão, ha dias.

\*\*\*

Em 22 realisou o sr. Henrique A. Junod na Sociedade de Geographia uma conferencia sobre *A litteratura dos indigenas de Lourenço Marques*, sendo repetida no

Porto, a 25, nas salas da União Christan da Mocidade Portuguesa.

Os assumptos de ethnographia musical, e especialmente da que se refere às nossas possessões, têm sido tão escassamente tratados no nosso país e revestem uma tal importância para os estudiosos da musica, que seria para lastimar que a alludida conferencia não apparecesse publicada na integra e não tivesse uma larga diffusão.

Seria pois um optimo serviço que o sr. Junod prestaria áquelles, que, como nós, não tiveram a fortuna de assistir á sua conferencia.

## ESTRANGEIRO

No *Königliches Opernhaus* de Dresde foi estreada em 12 do corrente mez a opera alleman *Oberst Chabert*, que, segundo informações particulares que recebemos, teve um exito extremamente lisonjeiro. A peça é em 3 actos, sendo a musica de Hermann Waltershausen e o poema extrahido da *Comtesse à deux maris* de Balzac.

\* \* \*

Diz-nos um amavel informador de Madrid que a época musical tem corrido ali um tanto frouxa. Nos cinco concertos da orchestra Arbós não houve a menor novidade, sendo contudo digna de elogio a forma como foram executadas as duas obras de Strauss, *Till Eulespiegel* e *Zarathustra*. Na opinião do nosso correspondente, que é um dos mais distinctos amadores portuguezes, Fernandez Arbós é *bastante vertiginoso* nos classicos e secco nos romanticos.

O Quarteto Rosè tocou, bastante bem, a serie completa dos quartetos de Beethoven. Agora dá o pianista Rislér um cyclo de oito concertos, em que faz ouvir todo o *Clavecin bien Tempéré* de Bach (!), algumas obras romanticas e modernas e as ultimas sonatas de Beethoven.

\* \* \*

Em consequencia da greve geral na Belgica, não poude ter logar em 15 d'este mez um grande concerto com orchestra e còros que se devia realizar em Antuerpia, sob a direcção de André Messager.

\* \* \*

Na sala do Conservatorio de Paris foi acolhida com extremo agrado uma nova symphonia de Paul Dukas, o arrojado mo-

dercionista do *Apprenti Sorcier*. Sobretudo no primeiro e ultimo andamentos, Paul Dukas mostrou-se mais uma vez um delicado colorista e profundo conhecedor da technica orchestral; o andamento central, um *andante espressivo*, apesar de feito com engenho e conduzido com a habitual mestria, é que pareceu demasiado mysterioso, bastante longo e um pouco pallido de inspiração.

\* \* \*

No Theatro Municipal de Zurich realisaram-se em 13, 20 e 27 do corrente as primeiras representações do *Parsifal*.

Como em Bayreuth, os espectaculos começaram ás 4 horas para acabar ás 9. Os preços é que não eram tão elevados como em Bayreuth, onde se paga, como é sabido, uma libra esterlina por cada logar; no theatro suiso as entradas de camarote e os *fauteuils* custavam á razão de 28000 réis e todos os outros logares á razão de 600 réis.

\* \* \*

A unica novidade da época lyrica de Milão é uma opera inedita de Mantemezzi, com o titulo de *L'amore dei tre ré*.

Pensava-se em uma adaptação scenica do *Fausto* de Schumann, mas a empreza renunciou á ultima hora á montagem d'esta peça.

\* \* \*

Em Lithgow (Inglaterra), um pianista, ou antes um moedor de musica de nome W. P. Brent, tocou durante 76 horas e um quarto, sem interrupção! Dizem as chronicas que não morreu em seguida a este *record* de novo genero; tinha apenas o rosto um pouco desfigurado e as mãos inchadas.

E o piano em que estado se encontraria?

\* \* \*

Contam os jornaes que Siegfried Wagner se recusou a presidir á inauguração da estatua paterna, que deve effectuar-se a 22 de maio em Regensburg, dizendo que a attitude da nação alleman na questão do *Parsifal* o impede de tomar parte n'essa especie de manifestações.

\* \* \*

Na mesma cidade e por iniciativa da Academia de Santa Cecilia houve outro concurso, mas destinado a composições symphonicas. Das 31 peças apresentadas, foram escolhidas as cinco seguintes, que

vão merecer as honras da execução na grande sala do Augusteo: *Arion*, poema symphonico de Giovanni Balbi; um poema erotico de Vincenzo Davico; um poema symphonico de Franco Dell'Isola; *Sinfonia del mare* de Felice Feliciano; *Impressioni dal vero* de Giovanni Mastropier.

Ainda ha muita gente boa, que julga que em Italia não se fazem senão operas!

\*\*\*

Na proxima Exposição de Gand, a violaria da Lorena, que representa a escola classica d'onde sahiram os primeiros e mais celebres *luthiers* francezes, vae apresentar-se de modo a não desmerecer das suas velhas tradições.

De uma casa sabemos (Labert-Humbert, de Mirecourt), que expõe magnificos violinos e violoncellos, feitos com madeiras secas durante 60 annos, e cuja factura, verniz e sonoridade lhes dão foros de verdadeiras peças d'arte. A mesma casa está concluindo para essa Exposição dois bandolins e duas violas francezas, com marchetes desenhados pela celebre casa Gallé, de Nancy.

\*\*\*

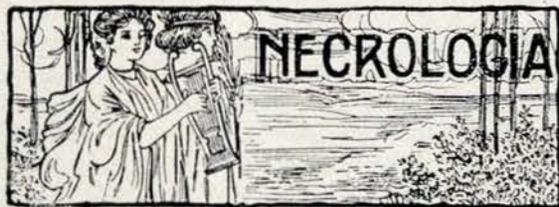
Foi bem succedida a estreia da nova opera, *Arabesca*, de Domenico Monleone, que se cantou no theatro Costanzi, em Roma.

E' uma pequena peça em um acto, que havia sido premiada em um concurso aberto pelo municipio romano.

\*\*\*

Em Bolonha, a principal cidade wagneriana da Italia, vae celebrar-se o centenario de Wagner, conjunctamente com o de Verdi.

O *Parsifal* contará entre as obras a executar n'essa conjunctura solemne.



Em Valença do Minho falleceu, com 75 annos d'idade, o sr. Antonio Duarte Argar, antigo regente da banda de caçadores 7 e compositor de merecimento.

Escreveu muita musica religiosa e varias obras para banda marcial.

## Prevenção

Consta-nos que se estão vendendo em Lisboa uns Pianos com a marca, ficticia ou verdadeira, de *Adolpho Bechstein*, na intenção evidente de fazer suppôr aos compradores que se trata dos Pianos da reputada fabrica de

### C. Bechstein

os quaes só se encontram á venda na casa Lambertini (Praça dos Restauradores, 43 a 49), unica Depositaria dos mesmos.

Não é a primeira fraude d'esse genero, que se pretende levar a effeito. Foi condemnado ha pouco nos tribunaes de Londres um outro fabricante que marcava os seus pianos com o distico de *Brechstein*, explorando tambem a bôa fé dos compradores com a semelhança do apellido.

Prevenimos pois os incautos contra esta exploração dolosa, repetindo que os verdadeiros pianos da celebre marca allemã só se vendem na Praça dos Restauradores, 43 a 49

## Casa Lambertini